



INSTITUTO  
COCA-COLA  
BRASIL  
**20 ANOS**



# Sumário

## Abertura

Trajatória marcada pelo compromisso com a transformação social..... 4

---

## 1999-2005

O Instituto Coca-Cola Brasil nasce e cresce, com educação e sustentabilidade no DNA..... 6

---

## 2005-2008

Com reciclagem e proteção das florestas, o Instituto amplia seu leque de atuação..... 10

---

## 2009-2011

A hora da virada ..... 14  
Numa comunidade ribeirinha do Amazonas, nasce o Coletivo Artes..... 20

---

## 2012-2016

Crescimento e consolidação..... 24  
Coletivo Reciclagem: evolução e reconhecimento..... 26  
Coletivo Floresta: preservação e geração de renda..... 29  
Coletivo Jovem: um dos maiores programas de empregabilidade de jovens do Brasil ..... 33  
Parceria multisetorial..... 38  
Direitos humanos e empoderamento feminino..... 39  
Conselho Consultivo: Múltiplos olhares para guiar as tomadas de decisão..... 40

---

## 2017-2019

Nova visão: jovens e água..... 42  
Aliança Água+ Acesso..... 44  
Kolabora: um novo jeito de fazer voluntariado..... 49  
Negras Potências: empoderamento e diversidade..... 52

---

## Final

Um grande motivo de orgulho..... 54

---

# Trajetória marcada pelo compromisso com a transformação social

**O** Instituto Coca-Cola Brasil (ICCB) chega aos 20 anos com uma trajetória que nos enche de orgulho, com foco em um objetivo: contribuir para mudar vidas. E fazer isso em escala, de forma inovadora, em uma instituição que nos dá total liberdade, que nos oferece páginas em branco para construir o novo, significa muito.

Nas nossas iniciativas, há uma frente em que sempre acreditamos: o empoderamento do indivíduo, que tem como base a confiança, a autoestima, para que ele, com nosso suporte e apoio, tome as rédeas da própria vida. Esse objetivo, como uma bússola, nos guiou desde o primeiro programa até aqui. E continuou norteando nossas decisões quando, em 2016, definimos focar nossas estratégias em gerar impacto e influência em áreas que representam grandes demandas sociais, no Brasil: juventude e acesso à água, representadas através de nossas iniciativas atuais, Coletivo Jovem e Água+ Acesso. São grandes questões sociais e dois temas caros para o Instituto e a Coca-Cola.

Para ter escala, trabalhamos sempre alinhados com o negócio. E aspiramos ser tão relevantes para o mundo social quanto a Coca-Cola é para o mundo dos negócios. Por um lado, sabemos que há muito a avançar em relação a estas demandas sociais no Brasil: mais de 11 milhões de

jovens que não trabalham nem estudam e quase 35 milhões de pessoas sem acesso à água. Por outro, quando falamos de escala qualificada, vemos que os avanços foram imensos. Como disse, partimos do zero, fomos a campo, percorremos o país, visitamos comunidades, trabalhamos com artesãs do Amazonas, com catadores de resíduos, com crianças de escolas públicas... Fazendo, testando, errando, acertando e acreditando, sempre, na nossa capacidade de transformação. Estabelecemos parcerias sólidas e criamos uma tecnologia social, um modo de fazer que pavimenta nosso caminho e nos faz caminhar com segurança, independentemente da causa que abraçamos.

Os depoimentos e histórias que você verá a seguir, de pessoas beneficiadas pelas iniciativas do Instituto, de conselheiros com longa trajetória em políticas sociais, de parceiros comprometidos e de uma equipe competente e apaixonada, ratificam a sensação de que estamos no caminho certo. Temos muito o que comemorar e também muito a fazer. Os desafios são enormes, mas temos garra e energia de sobra para seguir em frente! Sigamos.

**Daniela Redondo**

Diretora Executiva do Instituto Coca-Cola Brasil

“ Partimos do zero, visitamos comunidades, trabalhamos com artesãs, catadores de resíduos, crianças de escolas públicas... Fazendo, testando, errando, acertando e acreditando, sempre, na nossa capacidade de transformação. ”

**DANIELA REDONDO**

DIRETORA EXECUTIVA DO  
INSTITUTO COCA-COLA BRASIL





1999  
2005

# O Instituto Coca-Cola Brasil nasce e cresce, com educação e sustentabilidade no DNA

O Instituto Coca-Cola Brasil foi criado a partir da necessidade de organizar estrategicamente o investimento social privado e socioambiental do Sistema Coca-Cola. Até então, as ações socioambientais das empresas do Sistema não possuíam um alinhamento estratégico e eram muito pulverizadas, totalizando mais de cem iniciativas distintas, em apenas um ano. Espalhados pelo país, os grupos fabricantes (perto de 30, quase o triplo dos que operam hoje: nove) decidiam os projetos que queriam apoiar e submetiam a proposta à Coca-Cola Brasil.

Em 1999, um mapeamento mostrou que eram mais de 150 projetos pelo país, de diversos tipos e tamanhos. Pulverizadas, as iniciativas não tinham o alcance desejado. “A gente não conseguia ter eficiência na alocação dos

recursos que, individualmente, destinávamos para determinadas atividades, seja de educação, meio ambiente, água... Os focos nunca foram distantes, mas não havia um esforço único”, lembra Renato Barbosa, presidente da Andina desde 2012, que, na época de criação do Instituto, estava na Brasal Refrigerantes, em Brasília, onde atuou por 22 anos. “Então, surgiu a proposta de nos juntarmos, fabricantes e companhia Coca-Cola, para que nossas iniciativas, de fato, tivessem um alcance maior”.

Marco Simões, que ocupava o cargo de Diretor de Relações Externas da Coca-Cola Brasil, se lembra muito bem daquele momento: “A maneira como a empresa cuidava das ações sociais era desorganizada e não estratégica”, analisa. “Levamos ao Presidente (na época,



“ A gente não conseguia ter eficiência na alocação dos recursos que, individualmente, destinávamos para determinadas atividades, seja de educação, meio ambiente, água... Então, surgiu a proposta de nos juntarmos, fabricantes e companhia Coca-Cola, para que nossas iniciativas, de fato, tivessem um alcance maior ”

**RENATO BARBOSA**  
PRESIDENTE DA ANDINA

A juventude é um dos principais focos do ICCB, desde o início



Luiz Lobão), a ideia de montar um Instituto que canalizasse essas iniciativas”, conta Simões, que se tornaria o primeiro Diretor Executivo do ICCB.

A proposta acabou saindo do papel no ano seguinte, já na gestão de Stuart Cross (Lobão, em outubro de 1998, assumiu o cargo de Vice-Presidente Sênior para a América Latina). Ele não só aprovou a ideia como definiu que o Instituto deveria ser voltado exclusivamente para a educação.

Após um ano de gestação, era fundado o Instituto Coca-Cola para a Educação, em abril de 1999. “Basicamente, nos primeiros anos, sua função era canalizar recursos da *Coca-Cola Foundation* (o principal braço filantrópico da The Coca-Cola Company, criado em 1984, nos EUA) e dos fabricantes para grandes projetos educacionais”, recorda Simões.

No começo, o ICCB não tinha programas autorais e apoiava projetos de instituições parceiras. Bem nesse início, não havia equipe



Em 1999,  
um mapeamento  
mostrou que  
eram mais de  
**150**  
projetos pelo país,  
de diversos tipos  
e tamanhos.

própria. Profissionais com outros cargos na Companhia trabalhavam voluntariamente para o Instituto.

Uma das primeiras iniciativas, ainda no primeiro ano do Instituto, foi criar, em parceria com outras organizações, uma versão brasileira para o *The Coca-Cola Valued Youth Program* (Programa de Valorização dos Jovens que havia sido implantado nos Estados Unidos, com o apoio da *Coca-Cola Foundation*, com o objetivo de reduzir a evasão em escolas

públicas). O modelo em que o ICCB se baseou é o seguinte: selecionar alunos com menor rendimento das turmas mais avançadas da escola para serem tutores de alunos mais jovens – também entre os que não apresentam boas notas nas disciplinas. “Os mais velhos passam a ter uma responsabilidade dentro da escola. Isso melhora a autoestima deles e faz com que se tornem estudantes melhores. É um programa interessantíssimo”, avalia Simões.

Adaptado para a realidade brasileira, o Programa é um dos orgulhos da primeira fase do ICCB. Foi aplicado em escolas municipais do Rio de Janeiro e, mais tarde, de São Paulo e Brasília. Sempre em parceria com as prefeituras e com a ONG Centro de Cultura, Informação e Meio Ambiente (Cima).

Ainda nesse primeiro período, o Instituto apoiou o programa Alfabetização Solidária, do Governo Federal. Coordenado pela então primeira-dama do país, Ruth Cardoso, o projeto foi criado em 1997 com o objetivo de reduzir os índices de analfabetismo no país, com foco em jovens na faixa dos 12 aos 18 anos. Em 1999, o programa recebeu da Unesco o prêmio de “Iniciativas Bem-Sucedidas” na área de educação.

Ao final desse período, com grande foco em jovens e educação, o ICCB passou por seu primeiro momento de transformação. O portfólio de programas e causas apoiadas começou a crescer, como você verá a seguir.



2005  
2008

# Com reciclagem e proteção das florestas, o Instituto amplia seu leque de atuação

Um dos marcos da primeira década do Instituto Coca-Cola Brasil foi a incorporação do programa Reciclou, Ganhou – originalmente concebido como uma ação de marketing criada pela Coca-Cola Brasil, em 1996, para estimular a reciclagem de embalagens entre crianças e adolescentes em escolas. A adesão à campanha foi maior do que a esperada e, por isso, o projeto passou a ser responsabilidade do ICCB, em 2005. Nesse mesmo ano, o Instituto se tornou uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).

A campanha Reciclou, Ganhou funcionava assim: as crianças eram estimuladas a juntar material reciclado, levar para a escola e trocar por brindes. “Foi uma

campanha gigantesca, um grande sucesso”, atesta Daniela Redondo, Diretora Executiva do ICCB desde 2014. A quantidade de resíduos levados pelos alunos para as escolas era imensa. Como, então, dar vazão a todo esse material? Foi para resolver essa questão que começaram as parcerias com as cooperativas, que passaram a recolher esses resíduos. Assim, anos depois, a ação de marketing acabou dando lugar a um programa de responsabilidade social, de apoio às cooperativas de catadores de resíduos: o Coletivo Reciclagem.

Chegaram a ser feitas parcerias com 300 delas. “Passamos a ser o maior programa de reciclagem do país”, diz Daniela. Mas essa é uma história para ser contada em detalhes mais adiante.



“A Coca-Cola Brasil foi a primeira divisão da companhia no mundo a ser neutra em água, graças ao programa Água nas Florestas. Brian Smith (que na época era Presidente da Coca-Cola Brasil e hoje é Presidente Diretor de Operações da The Coca-Cola Company) ficou encantado com a iniciativa. Ele pediu que eu apresentasse o projeto em Atlanta, para o chairman da The Coca-Cola Company e os Chiefs Communications Officer. Eles adoraram”

”

**MARCO SIMÕES**  
 PRIMEIRO DIRETOR  
 EXECUTIVO DO ICCB





O Coletivo Reciclagem fez parcerias com mais de 300 associações de catadores de resíduos do país, como a de Jangurussu (Ascajan), em Fortaleza

Em 2007, cinco anos antes da implantação do Coletivo Reciclagem, foi criado um programa que também se tornaria um dos grandes orgulhos da história do ICCB: o Água das Florestas. Tocado em parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica, ele nasceu com o objetivo de promover a recuperação de bacias hidrográficas, através do reflorestamento de suas matas ciliares, na região da bacia dos Rios Piracicaba/Capivari/Jundiaí, no interior de São Paulo. Tudo com o envolvimento da comunidade local.

“A Coca-Cola Brasil foi a primeira divisão da companhia no mundo a ser neutra em água, graças a esse programa”, diz Marco Simões. Segundo ele, Brian Smith, que na época era presidente da Coca-Cola Brasil e hoje é Presidente e Diretor de Operações, ficou encantado com a iniciativa. “Ele pediu que eu apresentasse o projeto em

Atlanta, para o chairman da *The Coca-Cola Company* e os *Chiefs Communications Officer*. Eles adoraram”, conta.

Desenhado seguindo as regras do protocolo de Kyoto, o programa recebeu o certificado de reconhecimento da *Clinton Global Initiative*. Além do plantio de espécies nativas em Áreas de Proteção Permanente (APPs) de córregos, rios, nascentes e reservatórios, o projeto previa o monitoramento da qualidade da água e da cobertura florestal. Tudo com o envolvimento da comunidade local.

Impulsionado por todo o aprendizado até aqui e pelos bons resultados de seus programas, o Instituto amadureceu sua atuação ao longo dos anos e avançou na sua história, sempre em busca de transformação social. O ano de 2008 terminou com o prenúncio de uma grande virada.



2009  
2011

# A hora da virada

O ICCB desenvolve tecnologia social para operar seus próprios programas e o número de funcionários dá um salto: de dois para 48

 período entre 2009 e 2011 foi um divisor de águas na história do ICCB. A grande virada começou a ser esboçada quando a Companhia criou o Coletivo Coca-Cola, projeto de valor compartilhado voltado para empregabilidade de jovens no setor de varejo que migraria para o Instituto no ano seguinte (2010).

Como era um programa autoral – o primeiro que seria operado internamente e não por uma instituição parceira –, havia a necessidade de criar uma expertise e construir uma tecnologia social.

Atual Gerente de Sustentabilidade, na Coca-Cola Brasil, Thaís Vojvodic entrou para a Companhia para integrar a equipe do Coletivo, em 2009, trazendo na bagagem um curso de Desenvolvimento Social na Inglaterra e a experiência de oito meses morando no Quênia, na África, onde fazia trabalhos humanitários.



Thaís chegou à Coca-Cola com o desafio de ajudar a implantar um projeto social praticamente do zero. Estava tudo praticamente por construir. “Quando cheguei, o Coletivo tinha cinco pilotos, três em São Paulo e dois em Recife. Hoje, são muitas unidades espalhadas pelo país. Estava tudo em fase de obras ainda. Eu viajava o Brasil inteiro, cuidando da operação. Meu papel era registrar cada uma das etapas para a criação de um Coletivo: engajar o fabricante, encontrar a comunidade, construir a metodologia, descobrir como

replicar essa experiência”, enumera. “Fomos criando uma inteligência de trabalho em escala. Ia capturando aprendizados e registrando tudo, para formatar um modelo de expansão”.

Todo esse processo de implantação do Coletivo e de sua migração para o Instituto Coca-Cola Brasil foi capitaneado por Claudia Lorenzo, que, na época, era Diretora de Projetos Especiais e, atualmente, ocupa o cargo de Presidente da Unidade de Negócios da Coca-Cola na Ásia (*ASEAN Business Unit President*). Segundo ela, a criação

do Coletivo é consequência do entendimento, por parte da Companhia, de que a conexão do negócio com o social seria benéfica, pois possibilitaria “alavancar o que a Coca-Cola tem de fortaleza em benefício do mundo social”.

Quando o Coletivo migrou para o Instituto, em 2010, aconteceu a grande virada. Entre 2010 e 2011, o número de funcionários deu um salto: de dois profissionais para 48. O objetivo era abrir Coletivos pelo país, onde houvesse engarrafadores da Coca-



Cola. Foi um momento marcante na história do Instituto e na vida das pessoas envolvidas nesse processo. “Sempre me perguntam o que me deu mais orgulho nesses 26 anos na empresa. Acabo sempre nesse lugar: no momento em que pude liderar um grupo de pessoas talentosas, apaixonadas, para traçar estratégias e construir uma ideia para um mundo melhor”, diz Cláudia, que assumiu a direção executiva do ICCB em 2010.

Quando foi criado, o Coletivo era basicamente voltado para a

O Coletivo Jovem é considerado um dos maiores programas de empregabilidade de jovens do país



“ Sempre me perguntam o que me deu mais orgulho nesses 26 anos na empresa. Acabo sempre nesse lugar: no momento em que pude liderar um grupo de pessoas talentosas, apaixonadas, para traçar estratégias e construir uma ideia para um mundo melhor ”

**CLAUDIA LORENZO**  
PRESIDENTE DA UNIDADE DE  
NEGÓCIOS DA COCA-COLA NA ÁSIA



“ Por meio do Coletivo Jovem, o Instituto Coca-Cola Brasil proporciona não só capacitação profissional, mas uma oportunidade de transformação aos jovens. A maioria chega aqui com a autoestima baixa, sem direcionamento, sem perspectiva. E conseguimos direcionar, nortear, guiar. Abrimos as portas e os corações para eles ”

**MAYKSON ASSUNÇÃO**  
 EDUCADOR DO COLETIVO JOVEM, EM RECIFE



Jovens do Coletivo:  
 capacitação para o trabalho e instrumentos para o fortalecimento da autoestima

empregabilidade de jovens, entre 16 e 25 anos, de comunidades de baixa renda, no mercado de varejo. “Criamos uma maneira de abordar o tema do ingresso no mercado de trabalho, por meio de um conteúdo exclusivo de varejo”, lembra a pedagoga Isa Lopes, que entrou no Instituto em 2011, e trouxe consigo experiências de outros grandes Institutos/Fundações do país.

O momento em que o ICCB assumiu a operação do Coletivo – rebatizado de Coletivo Varejo e, mais tarde (numa segunda revisão, em 2016) de Coletivo



Jovem – foi de trabalho intenso. Era preciso agir em duas frentes: uma delas, no treinamento de educadores dos Coletivos que já existiam, para capacitá-los a trabalhar com uma nova metodologia e novos materiais. O outro foco era a expansão da rede.

“Organizamos as atividades de modo que o jovem tivesse um pouco mais de autonomia. E deu supercerto, estamos caminhando assim até hoje”, diz Isa.

Em cada unidade do Coletivo, o Instituto trabalha em parceria com uma

ONG local, que seleciona e contrata um educador. Além dele, um outro profissional é muito importante para o bom funcionamento do Coletivo: o analista de campo. “Em geral, é o que vai a campo para as primeiras pesquisas. É ele, por exemplo, quem vê, se naquela comunidade existe uma ONG de valor reconhecido, quem dá apoio a essa organização em tudo o que ela precisa e quem faz contato com os empregadores locais”, explica Isa.

Os jovens que participam do Coletivo são capacitados para o trabalho e

encaminhados para o emprego. Mas os conteúdos do curso deixaram de ser majoritariamente voltados para prepará-los para atuar no mercado de varejo, como no começo. Cerca de 80% das atividades passaram a ser de natureza comportamental, com foco nas habilidades socioemocionais. Isso para que eles estejam preparados para as mais diferentes oportunidades, em suas áreas de interesse.

Como você verá mais detalhadamente acompanhando a história do ICCB, além de aprender conceitos básicos de comunicação, marketing e produção de eventos, eles recebem noções de como se comportar em um ambiente profissional, refletem sobre sua relação com o trabalho e ganham instrumentos para o fortalecimento da autoestima, para que sejam mais proativos e mais seguros de suas decisões.

Educador do Coletivo que funciona no Movimento Pró-Criança de Coelhos, no Centro de Recife, desde 2011, Maykson Assunção se emociona quando fala do trabalho desenvolvido na comunidade onde nasceu. Seus olhos se enchem de lágrimas.

“Por meio do Coletivo Jovem, o Instituto Coca-Cola Brasil proporciona não só capacitação profissional, mas uma oportunidade de transformação aos jovens”, diz Maykson, de 26 anos. “A maioria chega aqui com a autoestima baixa, sem direcionamento, sem perspectiva. E conseguimos direcionar, nortear, guiar. Abrimos as portas e os corações para eles. Para mim, é uma oportunidade imensa. Entrei com 18 anos e estou há oito no programa. Falo de jovem para jovem. Estou muito feliz pelo Instituto

estar completando 20 anos, e por fazer parte dessa história”.

A mãe de Maykson é diarista e manicure. O pai, vendedor ambulante de frutas e legumes. Na infância, ele frequentou os cursos da instituição onde foi implantado o Coletivo. Hoje, tem graduação em Gestão na Logística e planeja fazer uma pós-graduação. Enquanto ensina a outros jovens, continua seu caminho de aprendizado.

“Em 2014, me deram a oportunidade de ir para o Rio de Janeiro, para passar por uma formação de excelência em eventos, era um curso voltado para a Copa das Confederações. Fiquei uma semana no Rio, em treinamento no Morro dos Macacos”, conta.

## Numa comunidade ribeirinha do Amazonas, nasce o Coletivo Artes

Os Coletivos foram se multiplicando pelo país e ampliando suas temáticas. Em 2011, nasceu o Coletivo Artes, voltado para o empoderamento de artesãs de comunidades de baixa renda, que usam material reciclável em suas peças. A inspiração para o programa veio da Amazônia, mas as primeiras unidades foram implantadas no Rio de Janeiro.

Pedro Massa, atual Gerente Geral da Região Nordeste na Coca-Cola Brasil, visitava uma comunidade ribeirinha quando viu uma mulher com um acessório (uma bolsa ou um colar, já não se lembra) feito com latinha de Coca-Cola. Conversando com ela, Pedro, que atuou por muitos anos próximo ao Instituto como Gerente



Sênior de Negócios Sociais, na Coca-Cola, descobriu que várias mulheres da comunidade faziam peças como aquela. Ele lançou um desafio: que elas produzissem acessórios com materiais da própria floresta. Queria ver o resultado da próxima vez que fosse lá.

Desafio feito, desafio aceito. “Quando voltamos, vi que, de fato, elas haviam abraçado a ideia. Tinham feito muitas peças. Percebemos que ali podia nascer uma oportunidade enorme para gerar renda, reforçar a autoestima e empoderar as mulheres dentro da comunidade. Ali, nasceu a ideia do Coletivo Artes”.

O programa funcionou até 2015 e, ao longo de sua existência, contou





com parcerias com a Aliança Empreendedora (no início do programa) e a Rede Asta. Em ciclos de seis meses, grupos de artesãs recebiam, em workshops, noções de design, de como gerir melhor seu negócio, além de ter acesso a canais de distribuição e de comércio justo para a comercialização das peças.

O Coletivo Artes, que nasceu no Sudeste do país, chegou ao Sul e ao Norte. Foi implantado, inicialmente, em comunidades do Rio de Janeiro, depois, em São Paulo e Curitiba. Entre 2011 e 2015, foram formados 32 grupos produtivos no país compostos por mais de 100 artesãs. Na Amazônia, o trabalho era desenvolvido por 11 grupos que produziam peças com insumos locais, como sementes de açaí e palha de buriti, e material reciclável:



Artesãs de uma das 12 comunidades do Amazonas que participaram do Coletivo Artes (no alto) e seus trabalhos com sementes



“ Quando cheguei, o Coletivo tinha cinco pilotos, três em São Paulo e dois em Recife. Estava tudo em fase de obras ainda. Eu viajava o Brasil inteiro, cuidando da operação. Meu papel era registrar cada uma das etapas para a criação de um Coletivo: engajar o fabricante, encontrar a comunidade, construir a metodologia, descobrir como replicar essa experiência ”

**THAÍS VOJVODIC**

GERENTE DE SUSTENTABILIDADE DA COCA-COLA BRASIL



“ O Coletivo Artes foi um dos projetos mais lindos da nossa história. Foi uma parceria de muita potência, a melhor que construímos. Tínhamos um ingrediente muito forte: a confiança mútua. O Instituto entregou a pá, a terra e a semente. Falou para a gente plantá-la e fazê-la crescer. Deu muitos frutos. Mudou nossa vida. ”

**ALICE FREITAS**

UMA DAS FUNDADORAS  
DA REDE ASTA



Marlene Costa,  
artesã na  
Reserva de  
Desenvolvimento  
Sustentável do Rio  
Negro: “O Coletivo  
Artes foi uma  
iniciativa excelente”

garrafas PET e latas de alumínio, em Parintins e Rio Negro.

Marlene Costa, artesã há mais de 30 anos na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Rio Negro (AM), diz que muita coisa mudou depois que o Coletivo Artes aportou por lá.

“Foi uma iniciativa excelente. Tivemos ajuda de uma grande designer, Monica Carvalho, para abrir os nossos horizontes. Todas as professoras e orientadoras que vieram para cá foram muito importantes. Com elas,



Entre  
2011 e 2015,  
foram formados  
304

grupos produtivos no  
país, atendendo a cerca  
de sete mil  
artesãs. Só na  
Amazônia, o trabalho  
era desenvolvido em  
12 comunidades  
e impactava  
diretamente  
71 artesãs.

aprendemos a trabalhar de forma mais organizada, a valorizar nosso trabalho e a colocar preço nas coisas. As mulheres descobriram novos talentos: mexer com tecido, coletor de sementes, peneiras, bolsas, tapetes etc. Hoje, a nossa loja é uma grande vitrine para os artesãos de cinco outras comunidades além da nossa”, diz.

Uma grande parceira do Instituto no Coletivo Artes foi a Rede Asta, criada em 2005 com o objetivo de transformar artesãs em empreendedoras. No começo, o trabalho foi feito em cinco

grupos com aproximadamente cinco artesãs cada. A parceria com o ICCB ajudou a dar expertise para que a Rede Asta criasse, em 2015, sua Escola de Negócios das Artesãs, que está na 10ª turma, com 800 artesãs formadas.

“O Coletivo Artes foi um dos projetos mais lindos da nossa história”, diz Alice Freitas, uma das fundadoras da Rede Asta. “Depois, fizemos a Escola e aprendemos muito nesse processo. O Instituto foi essencial porque não tinha nada pronto. Deixaram que construíssemos. Foi uma parceria

de muita potência, a melhor que construímos. Tínhamos um ingrediente muito forte: a confiança mútua. Se não tivesse isso, não teríamos chegado a esse modelo de escala pelo qual atingimos tanta gente. O Instituto foi a grande semente, que acreditou e entregou todas as oportunidades, as ferramentas, os instrumentos para a gente. Entregou a pá, a terra e a semente. Falou para a gente plantá-la e fazê-la crescer. Deu muitos frutos. Mudou nossa vida. Hoje atingimos uma escala que nunca pensamos que seríamos capazes de atingir”.



2012  
2016

# Crescimento e consolidação

O ICCB desenvolve a tecnologia social da plataforma Coletivo e expande sua atuação, com a criação dos Coletivos Reciclagem e Jovem

Este foi um período de crescimento da plataforma Coletivo e da consolidação de sua tecnologia social, desenvolvida com base nas interações com as comunidades, mais de 400 parceiros locais e equipe de campo. Por meio dessa tecnologia, o ICCB implementou um processo de monitoramento e avaliação dos programas, a fim de aperfeiçoá-los e gerar mais impacto social.

Nesta época, entre 2012 e 2016, a Plataforma passou a abranger quatro programas: além do já existente Coletivo Artes, foram criados os Coletivos Reciclagem, Floresta e Jovem – este último, a partir de uma evolução do Coletivo Varejo, como você verá mais à frente. O objetivo principal deles era contribuir para o empoderamento de indivíduos por meio de capacitação, valorização da autoestima e conexão com oportunidades de geração de renda. Nesse sentido, as iniciativas permitiam o desenvolvimento não apenas de competências técnicas, mas sobretudo de competências socioemocionais, como autoconfiança, proatividade e protagonismo.

## Coletivo Reciclagem: Evolução e reconhecimento

Foi com esse espírito que, em 2012, com base em uma revisão do programa Reciclou, Ganhou, nasceu o Coletivo Reciclagem, que ampliou a escala das cooperativas de catadores atendidas, sem deixar de lado a qualidade. Isso só foi possível graças à tecnologia social desenvolvida pelo ICCB, que possui uma estrutura flexível, replicável e que respeita as especificidades locais, e ao aprendizado adquirido nos 12 anos anteriores, pelo trabalho de reciclagem. Fruto da cocriação com parceiros, comunidades e beneficiários, o Coletivo Reciclagem foi implementado em cooperativas com níveis diferentes de desenvolvimento. Além disso, o constante mapeamento e a avaliação das cooperativas também foram importantes para o empoderamento, a profissionalização, a inserção dos catadores na cadeia formal e o aprimoramento do programa.

Maria de Lourdes Moreira Soares foi uma entre milhares de pessoas beneficiadas pelo programa. Ela foi parar na coleta seletiva por necessidade. Diagnosticada com câncer de mama, Dona Lourdes precisava de um horário flexível para realizar o tratamento, e, entre os diversos locais que procurou em busca de trabalho, só a cooperativa Coopermas, em Goiânia, a aceitou. A doença foi curada, e ela chegou à presidência da cooperativa.

Sob seu comando, a Coopermas aumentou a quantidade de



cooperativados. A partir de 2014, o crescimento foi impulsionado pela parceria com o Coletivo Reciclagem. Hoje, aos 60 anos, Dona Lourdes lembra com carinho e gratidão daquele período em que a cooperativa recebeu capacitação técnica e treinamento para desenvolver competências socioemocionais, como resolução de conflitos e empoderamento feminino. Isso tudo fazia parte da implementação do plano de ação, em ciclos semestrais, iniciado com um mapeamento das fortalezas

e fraquezas da cooperativa, com posterior elaboração de um plano de metas mensuráveis que, se atingidas, eram premiadas com recompensas.

“A parceria através do Coletivo Reciclagem permitiu que reformássemos nossos galpões. Às vezes, estragava uma prensa, e tínhamos condições de consertar por causa da ajuda do Instituto Coca-Cola. A cada seis meses, era doada uma quantia em dinheiro para cada cooperativa que atingisse a meta. Nossa produtividade começou a



“Aumentar conforme todo mundo foi sendo chamado a participar do planejamento e foi se sentindo parte de algo maior, que dava certo e melhorava. Sou muito grata por tudo isso”, recorda Dona Lourdes.

A Coopermas foi uma das 304 unidades de cooperativas que fizeram parte do Coletivo Reciclagem, presente em 150 municípios de 19 estados, além do Distrito Federal. Até 2016, mais de 6.600 pessoas foram impactadas pela iniciativa, sendo 63% mulheres.

O Coletivo Reciclagem chegou a contar com 304 cooperativas de catadores em 150 municípios de 19 estados, além do Distrito Federal

“ A parceria permitiu que reformássemos nossos galpões. Às vezes, estragava uma prensa, e tínhamos condições de consertar por causa da ajuda do ICCB. Nossa produtividade começou a aumentar conforme todo mundo foi sendo chamado a participar do planejamento e foi se sentindo parte de algo maior, que dava certo e melhorava. Sou muito grata por tudo isso. ”

**MARIA DE LOURDES MOREIRA SOARES**

PRESIDENTE DA COOPERATIVA COOPERMAS, EM GOIÂNIA

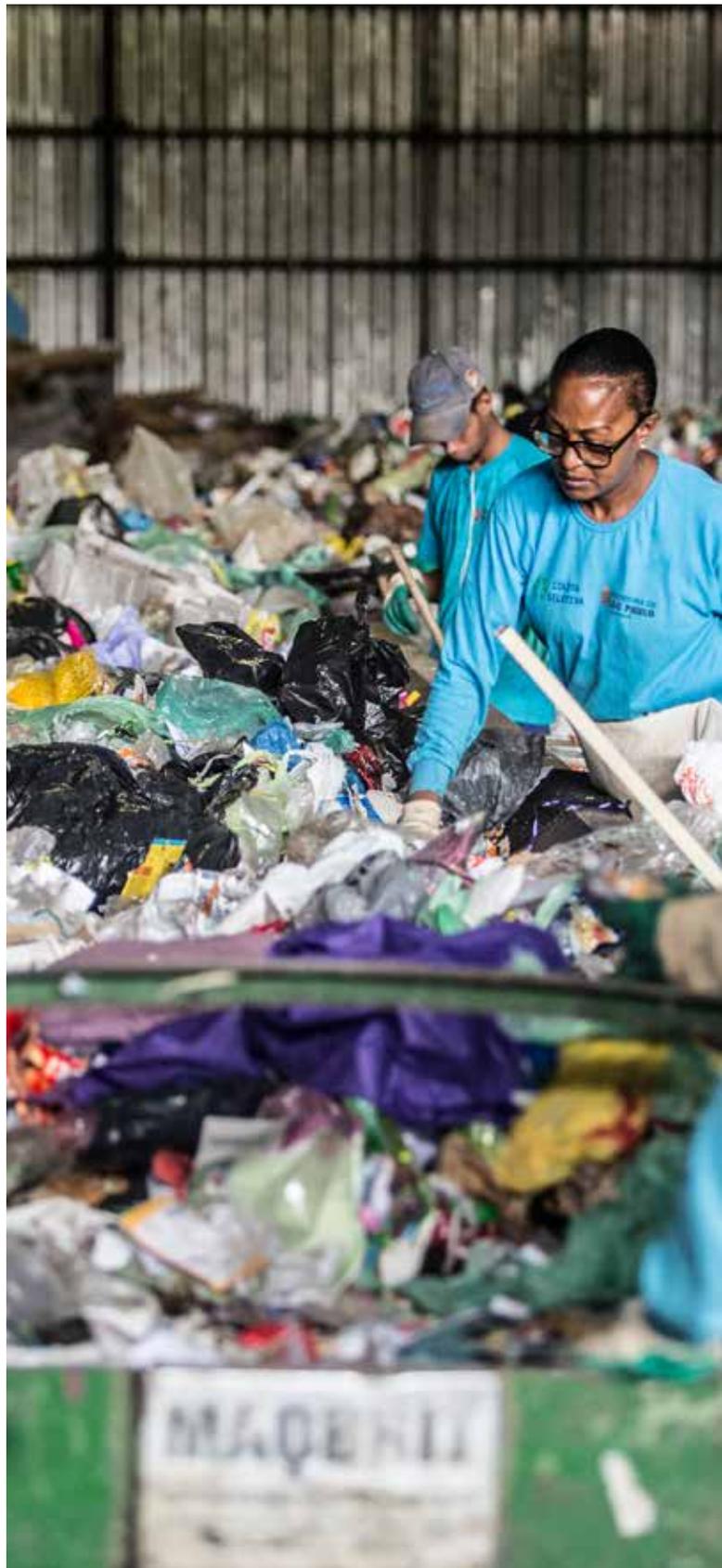


“Cheguei com a ideia de montar um Coletivo Rural, que era o nome que eu estava dando internamente. Nas primeiras conversas, pessoas da própria comunidade falaram: ‘Aqui vai ser o Coletivo Floresta’. Toda história recente do Instituto passou por cocriação, uma via de mão dupla, uma relação horizontal com os participantes.”

**PEDRO MASSA**

GERENTE GERAL PARA A REGIÃO NORDESTE NA COCA-COLA BRASIL

Um dos orgulhos da trajetória do ICCB, o Coletivo Reciclagem ganhou prêmios e teve sua tecnologia social certificada pela Fundação Banco do Brasil





Até 2015, mais de 6.600 pessoas foram impactadas pela iniciativa, sendo 63% mulheres.

Também em 2015, um ano após conquistar os prêmios Exame de Sustentabilidade e Época Empresa Verde, o Coletivo Reciclagem teve sua tecnologia social certificada pela Fundação Banco do Brasil como uma metodologia replicável e que representa efetiva solução de transformação social.

### **Coletivo Floresta: preservação e geração de renda**

Em 2013, foi criado o Coletivo Floresta, com a proposta de preservar a biodiversidade da Amazônia por meio da geração de renda e do empoderamento comunitário. Assim como no Coletivo Reciclagem, havia capacitação técnica, valorização da autoestima e conexão com novas oportunidades econômicas, neste caso, para comunidades ribeirinhas.

Também em ciclos semestrais, os ribeirinhos elaboravam um plano de ação após avaliarem quais lacunas havia nos processos de produção e

venda. Isso foi possível com a ajuda de parceiros do Sistema Coca-Cola, incluindo empresas, representantes governamentais e entidades do terceiro setor.

Pedro Massa, na época Gerente Sênior de Negócios Sociais, relembra que, além de ter estado à frente da criação do Coletivo Artes, como vimos anteriormente, também participou da concepção do Coletivo Floresta, desde a escolha do nome. Ele conta que a ideia surgiu numa comunidade ribeirinha, no município de Carauari, no território amazense do Médio Juruá, com difícil acesso, onde só se chega de barco. Pedro explica que o conceito da plataforma é calcado na capacitação e no fortalecimento da autoestima, baseado na metodologia do ICCB e em conexão com a cadeia de valor da Coca-Cola, em busca de oportunidades de geração de renda:

“Tínhamos o desafio de lançar um suco de açaí e pensamos: por que não, a partir do suco, empoderar as comunidades ribeirinhas, usar o suco como uma forma de geração de renda e dar assistência técnica para essa galera? Cheguei na comunidade com a ideia de montar um Coletivo Rural, que era o nome que eu estava dando internamente. Nas primeiras conversas, pessoas da própria comunidade falaram: ‘Aqui vai ser o Coletivo Floresta’”.

E assim foi feito. A comunidade fez parte de todo processo de concepção, ajudando a definir como deveria ser o desenho do programa e que tipo de capacitação técnica seria



desenvolvida. “Toda história recente do Instituto passou por cocriação, uma via de mão dupla, uma relação horizontal com os participantes”, completa Massa.

Em dois anos de Coletivo Floresta, o programa chegou a 49 comunidades, com 1201 famílias beneficiadas e mais de 5.550 pessoas impactadas. Uma delas foi Raimundo Cunha de Lima, hoje Presidente da Associação dos Moradores e Extrativistas da Comunidade de São Raimundo,

pequena comunidade ribeirinha em Carauari. O extrativista de açaí rememora que o Coletivo ajudou a aperfeiçoar a forma de trabalhar, já que antes não existia quase nenhuma noção de rastreabilidade do produto.

“Antes, você chegava a uma comunidade, perguntava quanto havia de um determinado produto, diziam que tinha muito, mas não sabiam quanto. Através do Coletivo Floresta, as comunidades aprenderam a organizar e controlar

sua produção. O projeto foi maravilhoso, pois tenho certeza de que fiz algo pela vida dos ribeirinhos. Para muitos, que tinham uma condição financeira precária, o projeto serviu como uma renda a mais. Sabia que eu não estava crescendo apenas com a experiência profissional. Mas levando esperança a vários ribeirinhos, que, até hoje, nos agradecem, nos recebem bem e nos admiram pelo trabalho que fizemos e pelo que foi o Coletivo Floresta”, diz Lima.



“ Através do Coletivo Floresta, as comunidades aprenderam a organizar e controlar sua produção. O projeto foi maravilhoso, pois tenho certeza de que fiz algo pela vida dos ribeirinhos. Para muitos, que tinham uma condição financeira precária, o projeto serviu como uma renda a mais. ”

**RAIMUNDO CUNHA DE LIMA**

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E EXTRATIVISTAS DA COMUNIDADE DE SÃO RAIMUNDO

No fim de 2015, o Coletivo Floresta foi contemplado com o Prêmio Soluções para o Desenvolvimento Sustentável na Amazônia (SDSN-Amazônia), na categoria “Gestão de Áreas Protegidas”, criado para dar visibilidade às melhores soluções para questões socioambientais. A premiação foi conferida ao ICCB durante o *Amazon Solutions Day*, na 21ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-21), em Paris.

Mais de 5.550 pessoas de comunidades ribeirinhas foram impactadas pelo Coletivo Floresta



“O ICCB é uma das referências em iniciativas de inserção de jovens no mundo do trabalho. O que tem de mais bacana aí? Primeiro, a capilaridade. O trabalho é feito no Brasil inteiro. A Coca-Cola chega onde ninguém chega. E reproduz esse ativo em suas iniciativas sociais. É interessante que o ICCB não tenha medo de trabalhar em escala”

**VIVIANNE NAIGEBORIN**

SUPERINTENDENTE DA FUNDAÇÃO ARYMAX E INTEGRANTE DO CONSELHO DO ICCB



O educador Maykson Assunção com jovens do Coletivo Coelhos, comunidade no Recife onde nasceu: filho de uma diarista e um ambulante, ele entrou no projeto aos 18 anos

**Coletivo Jovem: um dos maiores programas de empregabilidade de jovens do Brasil**

Em 2015, uma revisão do Coletivo Varejo deu origem ao Coletivo Jovem, em processo de cocriação do ICCB com comunidades, parceiros e beneficiários finais. O programa tem como objetivo principal empoderar jovens de 16 a 25 anos e conectá-los a oportunidades de geração de renda por meio de capacitação e fortalecimento da autoestima.



A mudança se deu a partir da evolução natural do Coletivo Varejo (2009-2015) e do seu aprimoramento contínuo com base na tecnologia social, que permitiu identificar novas formas de aumentar o impacto e atingir patamares maiores de escala. Desde então, o Coletivo Jovem já impactou mais de 248 mil jovens em mais de 160 comunidades brasileiras, resultados que ajudaram a torná-lo um dos maiores programas de empregabilidade de jovens do país. Desse total, mais de 62 mil tiveram acesso ao mercado de trabalho. Atualmente, o programa está presente

em 75 comunidades espalhadas por 14 estados, além do Distrito Federal. Só em 2019, 30 mil jovens participaram do curso, sendo 61% de mulheres. A iniciativa só é possível graças a parcerias locais e ao apoio de mais de 250 empresas empregadoras.

Entusiasta do Coletivo Jovem, Vivianne Naigeborin atua no campo do empreendedorismo social há mais de 20 anos, Superintendente da Fundação Arymax, ela integra o Conselho Consultivo do Instituto Coca-Cola Brasil, criado em 2014.

“O ICCB é uma das referências em iniciativas de inserção de jovens no mundo do trabalho. O que tem de mais bacana aí? Primeiro, a capilaridade. O trabalho é feito no Brasil inteiro. A Coca-Cola chega onde ninguém chega. E reproduz esse ativo em suas iniciativas sociais. É interessante que o ICCB não tenha medo de trabalhar em escala”.

Vivianne está no terceiro mandato no Conselho do ICCB. “Como conselheira, tenho a oportunidade de entender como temas sociais e ambientais dialogam com o dia a dia de uma empresa. O Conselho tem muitas pessoas em cargos altos de direção, isso é uma experiência quase única. O diálogo é direto. Acompanhei, ao longo desses anos, muitos debates que se refletiram em tomadas de decisão no negócio”, diz.

O programa aproveita a capilaridade de empresas com presença em todas as regiões do Brasil e o engajamento do ecossistema de negócios para conectar jovens com novas oportunidades de emprego. A atratividade da marca, a conexão com a cadeia de valor e com parceiros do Sistema Coca-Cola contribuem para mobilizar e atrair os jovens para o programa. Ao participar, eles adquirem conhecimentos sobre como se preparar para processos seletivos, por exemplo, e sobre mercado de trabalho, que os ajudam na busca por oportunidades.

As estratégias do Coletivo Jovem são baseadas em uma metodologia na qual 80% do conteúdo é focado em competências socioemocionais, a fim de proporcionar o protagonismo,

a colaboração, a análise crítica e habilidades de comunicação. Dessa forma, pretende-se que as escolhas profissionais sejam tomadas de maneira planejada e estejam ligadas a um plano de vida maior, que vá além da vaga de emprego.

O curso oferecido pelo Coletivo ocorre em quatro ciclos, com duração de dois meses, cada. Os jovens se inscrevem e, ao longo das aulas, podem optar por aperfeiçoar-se em uma das seguintes trilhas: Marketing e Vendas, Comunicação e Tecnologia ou Produção de Eventos. Durante cada ciclo, eles são estimulados a realizar projetos nas comunidades onde vivem, com base nos conteúdos teóricos e práticos ensinados em sala e numa plataforma virtual de aprendizagem, que pode ser acessada de qualquer lugar. As aulas acontecem duas vezes por semana, cada uma com duração de duas horas.

Aline Arantes de Jesus, de 27 anos, passou por todas as etapas do Coletivo Jovem no Morro dos Macacos, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Ela foi participante, monitora e educadora. Hoje, é Analista de Projetos do ICCB e reconhece que a experiência no Coletivo foi importante não apenas para sua vida, mas também para a comunidade onde nasceu, foi criada e morou a maior parte do tempo.

“Antes do Coletivo Jovem, nunca tinha tido contato com organizações grandes, empresas e profissionais. Meu primeiro emprego foi como educadora

do Coletivo. Comecei a ter responsabilidade, organização, planejamento. Aprendi a lidar com situações em que eu tinha de tomar decisões, como a de cuidar da logística da aula para que os jovens estivessem organizados. Aquilo tudo dependia de mim. O Coletivo foi fundamental. Passei a ser referência para crianças e jovens da minha comunidade. O educador do programa é muito conhecido dentro da comunidade em que atua. Nas formaturas, os pais agradecem

pelas mudanças comportamentais dos filhos, às vezes, por exemplos simples de proatividade, como tirar o lixo de casa”, conta Aline.

Ana Marcondes Faria, a Dona Ana, acompanhou essas transformações de perto e desde o início. Ela foi fundamental para a implementação do Coletivo no Morro dos Macacos. Chegou à comunidade em 1958 e, quatro anos depois, foi uma das fundadoras da associação de moradores junto com o marido. Dona



Ana conta que eles já haviam aberto uma creche para cuidar das crianças e, na sequência, estenderam o apoio escolar aos adolescentes. Mas a faixa etária seguinte, dos jovens entre 16 e 25 anos, continuava sem assistência.

“Até que conhecemos o Instituto Coca-Cola, que dava oportunidades de primeiro emprego aos jovens, sempre muito abandonados. Foi feita uma sala do Coletivo bonita e bem ornamentada. Essa beleza atraía os

O Coletivo Jovem já impactou mais de 248 mil jovens. Só em 2019, 30 mil participaram do curso, sendo 61% de mulheres



“ Antes do Coletivo Jovem, nunca tinha tido contato com organizações grandes, empresas e profissionais. Meu primeiro emprego foi como educadora do Coletivo. Passei a ser referência para crianças e jovens da minha comunidade. O educador do programa é muito conhecido dentro da comunidade em que atua ”

**ALINE ARANTES DE JESUS**





“ É incrível pegar um cara que é da comunidade, capacitá-lo e fazer com que ele fomente o conhecimento de outras pessoas para que elas possam também crescer. Sou muito apaixonada pelo Coletivo e admiro muito o trabalho do Instituto por conta disso. ”

**RAYENE DOS SANTOS**  
EX-PARTICIPANTE DO COLETIVO

Mais de 62 mil jovens tiveram acesso ao mercado de trabalho graças a parcerias locais e ao apoio de mais de 250 empresas





jovens não só de nossa comunidade, mas de outras. Muitos deles foram trabalhar no Sistema Coca-Cola e, até hoje, é uma coisa muito emotiva lembrar dessa época”, diz Dona Ana.

Hoje, aos 82 anos, ela é presidente da Associação Creche Patinho Feliz, também no Morro dos Macacos. Apesar de não morar mais na comunidade, continua a bater ponto lá diariamente, das 8h às 17h. Com uma trajetória de mais de 60 anos dedicados à comunidade, Dona Ana, que no início batalhou para levar água encanada e luz às residências de lá, faz um balanço da parceria com o ICCB:

“Eu, que nasci em comunidade, sempre tinha a visão de que as pessoas só apareciam em época de eleição. Na hora de ajudar, não encontrávamos muita gente. Encontramos isso no Instituto: eles não tinham receio de vir na comunidade. Ter esses amigos é a coisa mais importante para sabermos que não estamos sós. Meu sentimento é de saber que tem gente que se importa com a gente. Foi um período muito bom para os jovens. Muitos deles aproveitaram e foram bem-sucedidos: aprenderam a olhar para o mundo, descortinar uma nova visão da vida, e entenderam que não existia só essa comunidade”.

Não mesmo. Outra comunidade em que o Coletivo ainda está presente é a Cidade de Deus, na Zona Oeste do Rio. Rayene dos Santos foi um dos talentos que despontou por lá. Ela conta que, quando ainda estava no ensino médio, fez um

curso sobre o mercado varejista no Coletivo, despretensiosamente, apenas para saber do que se tratava. Depois de fazer o curso, passou a pesquisar mais informações sobre administração e decidiu estudar na ESPM por conta da formação no Coletivo, que despertou nela a curiosidade sobre marketing e gestão estratégica.

“O Coletivo me abriu muitas portas e ajudou a ampliar a minha visão. Costumo dizer que há oportunidades nas comunidades, mas que elas (as pessoas) estão meio míopes. O Coletivo é como os óculos que ajudam a enxergar melhor as oportunidades. Além disso, ajuda no contato com o mercado de trabalho. Muitos amigos meus conseguiram o primeiro emprego através do Coletivo. E, graças ao Coletivo, eu fui jovem aprendiz na Coca-Cola, que é outra grande escola. É incrível pegar um cara que é da comunidade, capacitá-lo e fazer com que ele fomente o conhecimento de outras pessoas para que elas possam também crescer. Sou muito apaixonada pelo Coletivo e admiro muito o trabalho do Instituto por conta disso”, elogia Rayene.

Ela se formou na faculdade, em março de 2019, e ganhou uma bolsa para fazer um MBA em Ciências do Consumo, também na ESPM. Como passou em um processo seletivo de trainee para a Magazine Luiza, em São Paulo, Rayene se mudou da Cidade de Deus para a capital paulista. “Nunca havia andado de avião. Hoje sei que posso alçar voos mais altos”, comemora.



“ Esta é a maior contribuição que o Instituto dá: buscar ferramentas para que as pessoas possam ser líderes do próprio destino. Isso não é muito comum. Não há muitas iniciativas assim, com essa visão mais completa ”

**LUCIANA BOTAFOGO**

FOI ESPECIALISTA SÊNIOR NO BID E AJUDOU A APROVAR A PARCERIA QUE ACONTECERIA NO ÂMBITO DOS PROGRAMAS COLETIVO JOVEM E RECICLAGEM

Os jovens são estimulados a realizar projetos nas comunidades onde vivem, com base nos conteúdos teóricos e práticos ensinados em sala



**Parceria multisetorial**

Foi também no período entre 2012 e 2014 que começaram as parcerias com órgãos multilaterais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Luciana Botafogo Brito foi uma das responsáveis por essa conexão. Naquela época, ela era especialista sênior no BID e ajudou a aprovar a

parceria que aconteceria no âmbito dos programas Coletivo Jovem e Reciclagem.

“Foi uma experiência muito relevante porque se trabalhou, em ambos, com uma população de baixa renda. O objetivo era mostrar que eles podiam gerar sua própria renda e provocar um impacto positivo na comunidade. Essa é a maior contribuição que o

Instituto dá: buscar ferramentas para que as pessoas possam ser líderes do próprio destino. Isso não é muito comum. Não há muitas iniciativas assim, com essa visão mais completa”, diz Luciana.

Na opinião dela, ocorreu uma importante mudança de visão do Instituto no momento em que ele passou a se enxergar como membro de



“ É muito significativo ver o Instituto implementando ações concretas relacionadas ao impacto positivo na vida de mulheres, jovens e negros. Como ONU Mulheres, gostaríamos de seguir dialogando nos próximos anos nessa agenda, continuando a alinhar nossas marcas ”

**ANA CAROLINA QUERINO**  
GERENTE DE PROGRAMAS  
DO ESCRITÓRIO DA ONU  
MULHERES BRASIL

uma comunidade, e não apenas como proprietário de um conceito, e começou a buscar parcerias ou alianças.

“Foi bastante importante entender que haveria mais resultados conseguindo catalisar mais atores, independentemente da propriedade da metodologia e da liderança no processo. Nessa experiência, o que mais aprendi

foi o conceito ligado a resultados, números, medições e implementação com prazos”, complementa ela, que hoje é Gerente de Operações e Países do Fundo Financeiro para o Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA), que tem a missão de contribuir para o crescimento econômico e social de países como Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai.

## Direitos humanos e empoderamento feminino

Entre 2013 e 2015, uma aliança global entre a Coca-Cola e a ONU Mulheres resultou na capacitação de 22 mil mulheres e 13 mil homens em situação de vulnerabilidade social no Brasil. Desde então, o ICCB



“Tenho estudado investimento social desde o final da década de 1990.

Acompanhar o trabalho do Instituto, como conselheira, é uma oportunidade de conhecer experiências concretas, suas dificuldades e desafios.

É um momento de enriquecer o aprendizado”

**ANNA PELIANO**

SOCIÓLOGA, NO TERCEIRO MANDATO DO CONSELHO DO ICCB

Entre 2013 e 2015, uma aliança global entre a Coca-Cola e a ONU Mulheres resultou na capacitação de 22 mil mulheres e 13 mil homens em situação de vulnerabilidade social no Brasil.

transversalizou os temas igualdade de gênero, empoderamento das mulheres e direitos humanos em todos os seus programas: houve atualização dos materiais e criação de novos conteúdos, planejamento de oficinas e realização de fóruns de discussão com parceiros.

Gerente de Programas do escritório da ONU Mulheres Brasil, Ana Carolina Querino participou da implementação do projeto, segundo ela, a partir do refinamento do olhar do que são direitos humanos e de como o empoderamento das mulheres tem a possibilidade de transformar a vida delas de uma forma mais significativa.

“A parceria com o Instituto foi extremamente relevante. O ICCB tem capilaridade e alcance extremamente altos, uma capacidade muito relevante de impactar mulheres. Foi um trabalho conjunto muito interessante de aprendizado para ambas as partes,

uma satisfação contribuir para a vida dessas beneficiárias. Só o fato de estarem incluídas e serem enxergadas, trabalhando juntas para promover uma mudança, já gerava um outro sentimento, pois antes se sentiam muito invisibilizadas. É muito significativo ver o Instituto implementando ações concretas relacionadas ao impacto positivo na vida de mulheres, jovens e negros. Como ONU Mulheres, gostaríamos de seguir dialogando nos próximos anos nessa agenda, continuando a alinhar nossas marcas”, diz Ana Carolina.

### Conselho Consultivo: Múltiplos olhares para guiar as tomadas de decisão

Um dos marcos da trajetória do Instituto foi a criação do Conselho Consultivo. Ele é formado pelas principais lideranças do Sistema Coca-Cola (50%) e membros da sociedade civil que são referência nos temas que tocam a estratégia do Instituto, como por exemplo juventude, raça, gênero e acesso à água. “São pessoas que nos ajudam a tomar decisões em temas estratégicos e fazem provocações para que a gente avance”, diz Daniela Redondo.

Entre os integrantes do Conselho Consultivo está Anna Peliano. Socióloga, pós-graduada em Política Social pela UNB, ela foi Diretora do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada) e atualmente coordena a pesquisa BISC (Benchmarking de Investimento

Social Corporativo) da Comunitas. Está no segundo mandato no Conselho. “Tenho estudado investimento social desde o final da década de 1990. Acompanhar o trabalho do Instituto, como conselheira, é uma oportunidade de conhecer experiências concretas, suas dificuldades e desafios. É um momento de enriquecer o aprendizado”, diz.

Em 2019, ela visitou o Coletivo Jovem, em Paraisópolis. “Foi muito bom sentar com os jovens, conversar com eles e com a educadora, uma pessoa da comunidade que foi capacitada para aquele trabalho. Acho bastante interessante esse desenho do projeto, na medida em que ele identifica lideranças na própria comunidade que vão ser formadoras desses jovens. É um projeto que busca promover a autonomia. Esse diálogo, essa interação com os locais onde atua, para fortalecer a independência de quem está sendo beneficiado, é muito importante. O mesmo acontece no Água+ Acesso”. Esta iniciativa, que você conhecerá mais detalhadamente seguindo essas páginas, visa ampliar o acesso à água segura de forma sustentável, “deixando caminhos para que as próprias comunidades possam tomar conta, levar adiante e garantir o fornecimento, independentemente da atuação da empresa”, completa Anna.

O Conselho ajuda a pavimentar o caminho do ICCB rumo ao futuro. Foram muitos avanços. E há muitos desafios pela frente. Para Ian Craig, presidente da Coca-Cola FEMSA

Brasil e conselheiro do ICCB, o diferencial do trabalho do Instituto “está em utilizar as fortalezas de todo o Sistema, como a capilaridade, visibilidade e influência da marca, para impactar positivamente a vida de milhares de pessoas no Brasil”. Craig também ressalta um lado do trabalho do Instituto: “Seus programas e resultados acabam influenciando, de alguma maneira, o jeito como pensamos e fazemos negócio. Me sinto grato por fazer parte dessa história”, diz.

Pedro Rios, Vice-Presidente de Stills da Coca-Cola Brasil, aponta um dos desafios do ICCB: “O que uma empresa traz para o mundo social? Capacidade de metodologia e gestão. Como ter uma gestão profissional para o processo, como colocar métrica, meta e começar a olhar o impacto de forma efetiva? Acho que o Instituto tem que ser o criador, o testador e o validador de metodologias sociais escaláveis. Uma vez que essas metodologias estejam testadas e validadas, a gente oferece esse conhecimento à sociedade para que possa fazer disso o seu melhor uso e chegue a sua potencialidade”.

Entre 2017 e 2018, Rios ocupou a Vice-Presidência de Relações Corporativas da Coca-Cola Brasil, à qual o Instituto é vinculado. “O ICCB é uma pérola dentro do Sistema”, diz ele, que continua vinculado ao Instituto como conselheiro e mentor do Kolabora, programa de voluntariado corporativo que ajudou a implantar e que você vai conhecer melhor continuando a seguir os passos dessa história.



“Acho que o Instituto tem que ser o criador, o testador e o validador de metodologias sociais escaláveis. Uma vez que essas metodologias estejam testadas e validadas, a gente oferece esse conhecimento à sociedade para que possa fazer disso o seu melhor uso e chegue a sua potencialidade. O ICCB é uma pérola dentro do Sistema”

**PEDRO RIOS**

VICE-PRESIDENTE DE STILLS  
DA COCA-COLA BRASIL



2017  
2019

# Nova visão: jovens e água

O ICCB define os temas juventude e água para concentrar suas iniciativas a médio prazo e lança a Aliança Água+ Acesso

Orientado pelos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU) em sua Agenda 2030, o ICCB constrói sua estratégia com base em um processo de consulta e cocriação com o Sistema Coca-Cola e a sociedade civil. O compromisso é concentrar esforços para atuar em duas áreas de grandes demandas sociais: empregabilidade de jovens e acesso à água. Com isso, pretende contribuir para o desenvolvimento de comunidades de baixa renda com foco nessas duas causas, assegurando o olhar transversal para mulheres e negros.

“São as grandes questões sociais que a gente tem no Brasil: de acordo com o Relatório do Banco Mundial (2018), são mais de 11 milhões de jovens que não trabalham nem estudam. E segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS 2018), quase 35 milhões de pessoas não têm acesso à água potável. São dois temas caros para nós e para a Coca-Cola. Tudo é feito em parceria”, aponta Daniela Redondo. “Antes, investíamos nos programas das instituições. Hoje, fazemos parcerias com elas, para uma metodologia colaborativa”.

## Aliança Água+ Acesso

Em 22 de março de 2017, Dia Mundial da Água, o Instituto lançou a Aliança Água+ Acesso, junto a nove organizações parceiras, para ampliar o acesso à água segura de forma sustentável em áreas e comunidades rurais de baixa renda no Brasil.

O programa começou operando pilotos com sete soluções inovadoras em 15 comunidades, que atendiam a mais de 4.200 pessoas, no Ceará, Amazonas e Pará. As soluções foram selecionadas por um júri técnico de 14 especialistas, que avaliaram 114 tecnologias inscritas a partir da Chamada de Soluções Água+ Acesso, um edital aberto a universidades, inovadores, empresas e startups de todo o Brasil.

Pelo edital, foi possível mapear, comparar e avaliar as soluções com maior potencial para atender a alguns dos principais desafios de acesso e tratamento de água em áreas rurais, como água salobra, falta de energia para bombeamento de água em comunidades isoladas, dureza da água (quando há alto teor de cálcio e magnésio) ou soluções de saneamento unifamiliares.

O primeiro piloto foi implantado na comunidade rural de Coqueiro, em Caucaia (CE). Ali, foi instalada uma tecnologia de tratamento da água com a utilização de ozônio, considerado um importante desinfetante e desodorizante, capaz de purificar e potabilizar cerca de três mil litros de água por hora e eliminar 99,99% de vírus e bactérias.

Parceiro na implementação desse projeto piloto, o Instituto Sisar (Sistema Integrado de Saneamento Rural) hoje atua em 146 municípios do Ceará com mais de 160 mil ligações de água. A organização beneficia diariamente mais de 700 mil pessoas com acesso à água segura e de forma sustentável. Por este trabalho, a organização já foi reconhecida como a segunda melhor experiência do mundo em Água e Saneamento Rural pelo Banco Mundial e, em 2018, foi contemplada com o 1º lugar no Prêmio ODS Brasil entre 1.300 ONGs de todo o país. Marcondes Ribeiro Lima, Diretor-Presidente do Sisar destaca a importância da Aliança:

“A Aliança Água+ Acesso dá uma enorme contribuição para a universalização da água segura. Sem isso, a gente não conseguiria evoluir. Vínhamos tentando resolver nossos problemas, mas com vários fatores limitadores. A parceria com o Instituto Coca-Cola Brasil proporciona que consigamos atualizar os sistemas de abastecimento. O nosso crescimento foi tão grande que hoje já beneficiamos mais de 700 mil pessoas do estado do Ceará com a atuação do Sisar. Se não fosse a Aliança nesse projeto, essas comunidades perderiam o abastecimento de água no futuro, pois as obras têm um tempo de vida útil. Os reservatórios são as partes mais caras do sistema”.

Pertencentes a diferentes setores, as organizações parceiras da Aliança atuam com projetos e iniciativas



integradas em torno de três grandes frentes. Em inovação, infraestrutura e tratamento, as ações se dão por meio da construção, melhorias, ampliação e/ou revitalização de sistemas de abastecimento e redes de distribuição, assim como pela identificação de soluções inovadoras apropriadas.

A segunda frente são os modelos autossustentáveis de gestão comunitária da água, em que os próprios moradores se organizam para garantir a operação, gestão e



manutenção dos sistemas em suas comunidades. Por fim, o terceiro pilar é para promover a integração e o fortalecimento do ecossistema. Isso acontece por meio da promoção de eventos, estudos, ações de comunicação, intercâmbios e da articulação entre atores públicos e privados.

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), metade dos projetos de água e saneamento na América Latina fracassa em até cinco

Até 2019, o Água+ Acesso facilitou o acesso à água segura a mais de 88 mil pessoas de 348 comunidades em oito estados

“ São as grandes questões sociais que a gente tem no Brasil: de acordo com o Relatório do Banco Mundial (2018), são mais de 11 milhões de jovens que não trabalham nem estudam. E segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS 2018), quase 35 milhões de pessoas não têm acesso à água potável. São dois temas caros para nós e para a Coca-Cola. Tudo é feito em parceria. Antes, investíamos nos programas das instituições. Hoje, fazemos parcerias com elas, para uma metodologia colaborativa.

”

**DANIELA REDONDO**  
DIRETORA EXECUTIVA DO ICCB



“ A Aliança Água+ Acesso dá uma enorme contribuição para a universalização da água segura. Sem isso, a gente não conseguiria evoluir. Vínhamos tentando resolver nossos problemas, mas com vários fatores limitadores. A parceria com o Instituto Coca-Cola Brasil proporciona que consigamos atualizar os sistemas de abastecimento. ”

**MARCONDES RIBEIRO LIMA**  
DIRETOR-PRESIDENTE DO SISAR

Dirce Quintino,  
da comunidade  
de Santa Rita, no  
Amazonas, feliz  
com a água que  
jorra do chuveiro:  
beneficiária  
da Aliança  
Água+Acesso





anos após sua implantação por não contar com modelos para sua viabilidade e continuidade. “Isto se torna um risco quando o investimento é exclusivo em infraestrutura”, aponta a gerente da iniciativa de Água do ICCB, Heloisa Binello. Assim, investir em modelos sustentáveis pode ser um caminho para enfrentar este desafio e é uma das resoluções em que a Aliança Água+ Acesso aposta. “Além de investimento em infraestrutura, que é fundamental, nós investimos também em outros dois pilares: gestão comunitária da água e fortalecimento do ecossistema, o que incentiva integração e cooperação entre os atores que trabalham em prol do acesso à água”, complementa Heloisa.

Até 2019, a iniciativa beneficiou mais de 88 mil pessoas de 348 comunidades em oito estados, em conjunto com 16 organizações parceiras. Uma das beneficiadas é Eliana Machado, presidente da Associação Comunitária Coração de Jesus, de Serra do Vieira, comunidade com 115 famílias na zona rural de Russas, no Ceará. Até 2018, os moradores do vilarejo tinham pouco acesso à água e ela era considerada imprópria para o consumo humano.

“Tínhamos um problema muito grande com a água: ela era tão grossa que cortava o sabão. Quando armazenávamos numa vasilha, se formava uma crosta, como se fosse cimento, nem sei explicar. Tomávamos banho e ficava uma coisa cinzenta no corpo, o chuveiro entupia. Para cozinhar, a gente

colocava a água no fogo e, quando ela fervia, formava uma cobertura branca, que a gente ficava tirando com uma colher. Não tinha outro jeito, não havia para onde correr. Em 2018, veio o Instituto Coca-Cola com o projeto de investir no tratamento da nossa água, sem pedir nada em troca. Abraçamos essa causa e, graças a Deus, o projeto aconteceu. Desde o ano passado, temos o poço funcionando todos os dias. A água melhorou muito, muito, muito mesmo”, comemora Eliana.

Em setembro de 2019, Eliana representou sua comunidade na 30ª Feira Nacional de Saneamento e Meio Ambiente (Fenasan), o maior evento de saneamento da América Latina, em São Paulo. Junto com representantes do Instituto Sisar e da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece), responsáveis pela implantação do projeto, ela apresentou o piloto que virou case de sucesso ao permitir que 81 famílias da Serra do Vieira passassem a usar água segura para beber, cozinhar e fazer outras tarefas domésticas. Este projeto foi implementado em formato de aliança entre a *World-Transforming Technologies* (WTT), a *Fundación Avina* e o Instituto Coca-Cola Brasil.

A Aliança Água+ Acesso, hoje, conta com a participação das seguintes organizações:

- Instituto Coca-Cola Brasil;
- Instituto Iguaú;
- World-Transforming Technologies (WTT);
- Fundación Avina;
- Instituto Trata Brasil;
- Cáritas Diocesana de



“ Tínhamos um problema muito grande com a água: ela era tão grossa que cortava o sabão. Quando armazenávamos numa vasilha, se formava uma crosta, como se fosse cimento. Em 2018, veio o ICCB com o projeto de investir no tratamento da nossa água, sem pedir nada em troca. Agora, temos o poço funcionando todos os dias. A água melhorou muito, muito mesmo. ”

**ELIANA MACHADO**

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA CORAÇÃO DE JESUS, DE SERRA DO VIEIRA, NO CEARÁ

- Pesqueira | PE;
- Fundação Amazonas Sustentável (FAS) | AM;
- Central de Associações Comunitárias para Manutenção dos Sistemas de Saneamento | unidades em Jacobina e Seabra, BA;
- Sistema Integrado de Saneamento Rural (Sisar) | unidades em CE e PI;

- Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD) | MG;
- Projeto Saúde & Alegria (PSA) | PA;
- Associação dos Produtores de Carauari (ASPROC) | AM;
- Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (ABES) | ES;
- Associação de Moradores de São José do Almeida | MG.



A Aliança Água+ Acesso é possível graças à parceria com 16 organizações, que atuam na implantação de sistemas autossustentáveis

## Kolabora: um novo jeito de fazer voluntariado

Em 2018, foi criado o Kolabora, programa de voluntariado corporativo do Sistema Coca-Cola, que atua em três frentes: mentoria, hackathon e missões. Na primeira delas, colaboradores do Sistema atuam como mentores de jovens para a

orientação de carreira, a fim de ampliar a inserção e permanência destes no mercado de trabalho. A alta adesão e o engajamento dos funcionários do Sistema marcaram o sucesso do piloto em nove estados no primeiro ano: foram 458 inscritos, três vezes mais do que o número de vagas disponíveis.

Vice-Presidente de Estratégia e Insights da Coca-Cola Brasil, Isabel



“Minha primeira mentoria foi com uma jovem de 21 anos, criada numa favela, filha de uma sobrevivente da chacina da Candelária. Ela tinha abandonado a faculdade, mas voltou, passou em um concurso do Ministério Público, onde trabalha, e foi selecionada para ir para a África do Sul. Senti que fiz diferença na vida dela. Mas ela fez na minha também.”

### ISABEL SALVADOR

VICE-PRESIDENTE DE ESTRATÉGIA E INSIGHTS DA COCA-COLA BRASIL





“ O Kolabora foi uma lâmpada mágica na minha vida, com uma mentora que realmente é uma gênio. Ela me fez enxergar o que eu não conseguia e, principalmente, o que eu não queria. Otimizar meu tempo, controlar gastos, aumentar meu networking e principalmente pensar numa mudança de carreira foram as principais coisas que ela me ensinou. ”

**JEFERSON LUIZ  
PEREIRA DA SILVA**

EX-EDUCADOR DO COLETIVO JOVEM



Grupo de mentores e mentorados do Kolabora em 2019: desde o início do programa de mentoria, mais de 200 jovens foram auxiliados

Salvador foi uma das primeiras a se candidatar. “Sempre tive vontade de fazer um trabalho social, o problema era a agenda”, diz. “Minha primeira mentoria foi com uma jovem de 21 anos, criada numa favela, filha de uma sobrevivente da chacina da Candelária. É uma família com uma história muito pesada, mas ela tem um astral maravilhoso. Tinha abandonado a faculdade naquele momento, por uma questão financeira, mas quer ser assistente social. Uma vez, tivemos que fazer nossa reunião, que acontecia



quinzenalmente, por Skype, porque estava tendo um tiroteio onde ela morava. Entrar em contato com uma realidade tão diferente da minha era um momento de reflexão pessoal, aprendi muito. Estamos sempre em contato. Ela voltou para a faculdade, passou em um concurso do Ministério Público, onde trabalha, e foi selecionada para ir para a África do Sul. Senti que fiz diferença na vida dela. Mas ela fez na minha também”.

Além da mentoria, na qual mentores e mentorados trocam experiências

e desenvolvem habilidades como empatia e comunicação, os voluntários atuam em duas outras frentes. No Hackathon, eles desenvolvem soluções para ONGs e instituições que são parceiras do ICCB. Nesse processo de prototipagem, trabalham habilidades de colaboração, liderança e ideação.

Já nas missões, equipes prestam serviços em comunidades, ONGs e instituições, dedicando um pouco de seu talento e tempo, em um dia de mobilização. A última Missão

de Natal, por exemplo, mobilizou dezenas de voluntários da FEMSA, Solar, Andina e CCIL, que compraram presentes e levaram alegria a várias instituições em 12 estados do país. No Rio de Janeiro, a ação aconteceu na Creche Patinho Feliz, na comunidade do Morro dos Macacos, onde 178 crianças receberam a visita do Papai Noel, que distribuiu presentes, com a ajuda de voluntários.

Dos 558 participantes do Kolabora em 2019, 139 foram mentores, 68 voluntários participaram do Hackathon e 351 serviram nas missões – alguns voluntários participaram em mais de uma ação. De acordo com pesquisa feita em 2019 entre os participantes do programa, 98% avaliaram que ele contribuiu para o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades; 95% disseram que participariam de novo; e 98% afirmaram que ficaram satisfeitos com a experiência. Mario Veronezi, na época Presidente da Solar, foi um dos 305 voluntários da engarrafadora naquele ano.

“Um momento muito representativo para mim foi ter tido a oportunidade de vivenciar o lançamento do Kolabora. É uma iniciativa que tem uma força muito grande e nos dá orgulho de participar. A Solar foi pioneira nesse processo em parceria com o Instituto e eu fui um dos mentores de jovens do primeiro ciclo do programa. O aprendizado foi muito positivo, e queremos trazer essa experiência de mentoria como estratégia para dentro da Companhia”, avalia Veronezi, que

deixou a presidência da Solar Coca-Cola em outubro de 2019.

Já a pesquisa realizada entre os jovens mentorados, na mesma época, revelou que 100% consideraram que o programa contribuiu para o desenvolvimento e aprimoramento de habilidades e disseram que indicariam o Kolabora para um amigo; e 99% responderam que participar foi muito importante para suas vidas.

Nascido e criado na Cidade de Deus, Jeferson Luiz Pereira da Silva conseguiu um estágio na produção do Rock in Rio 2019 graças ao contato com sua mentora Beatrice Jordão, Gerente de Marca na Coca-Cola Brasil.

“O Kolabora foi uma lâmpada mágica na minha vida, com uma mentora que realmente é uma gênica. Com a Beatrice foi match de cara. Ela me fez enxergar o que eu não conseguia e, principalmente, o que eu não queria. Otimizar meu tempo, controlar gastos, aumentar meu *networking* e principalmente pensar numa mudança de carreira foram as principais coisas que ela me ensinou. Mas o que me marcou mais foi conseguir bater de frente com meus medos”, comemora Jeff, que foi educador do Coletivo Jovem da Cidade de Deus por 7 anos.

Desde o início do programa, foram 729 voluntários participantes, 204 jovens mentorados e 10 ONGs participantes, em 11 estados, com colaboradores da Solar, Andina, FEMSA, Coca-Cola Brasil e ICCB.



## Negras Potências: empoderamento e diversidade

O ICCB sempre procurou considerar questões de raça e gênero transversalmente em seus programas. Mas 2018 entra nessa trajetória marcada pela busca de diversidade com um marco: é quando foi lançado o Negras Potências, edital que apoiou e financiou 13 iniciativas que fortalecem econômica, política e socialmente mulheres negras, inscritas em um dos maiores fundos de matchfunding do Brasil - exclusivamente criado para impulsionar projetos que criam ferramentas de empoderamento feminino negro.

Na parceria entre o ICCB, o Fundo Baobá para Equidade Racial e a plataforma de financiamento coletivo Benfeitoria, para cada R\$ 1 de doação individual eram automaticamente acrescidos R\$ 2 doados pela Coca-Cola Brasil. Com mais de mil doadores individuais, o fundo teve arrecadação total de R\$ 549 mil, contabilizando a participação da Coca. Selma Moreira, Diretora Executiva do Baobá e integrante do Conselho do ICCB, analisa a importância do Negras Potências e de outras iniciativas com foco em jovens negros:

“Quando o ICCB aborda o tema racial como estratégico, dando apoio a uma organização como o Fundo Baobá, isso tem um peso, é passada uma mensagem para



outros institutos e fundações. Para além dessa parceria, o tema dialoga com outras estratégias do ICCB. Se olharmos o mapa dos garotos e garotas que participam do Coletivo Jovem, veremos que eles são majoritariamente negros. É importante essa preocupação institucional de olhar para esse público. Mais que isso, de idealizar estratégias para reduzir danos causados pela prática racista de nosso país: como é que a gente, de fato, instrumentaliza e contribui para o processo formativo desses jovens, para que tenham verdadeiras possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem profissional e de inserção no mercado de trabalho, de modo que os ciclos de pobreza e desigualdade possam ser quebrados”.

Negras Potências:  
edital apoiou  
e financiou 13  
iniciativas que  
fortalecem  
econômica, política  
e socialmente  
mulheres negras

“ Quando o ICCB aborda o tema racial como estratégico, é passada uma mensagem para outros institutos e fundações. Se olharmos o mapa dos garotos e garotas que participam do Coletivo Jovem, veremos que eles são majoritariamente negros. É importante essa preocupação institucional de olhar para esse público. ”

**SELMA MOREIRA**

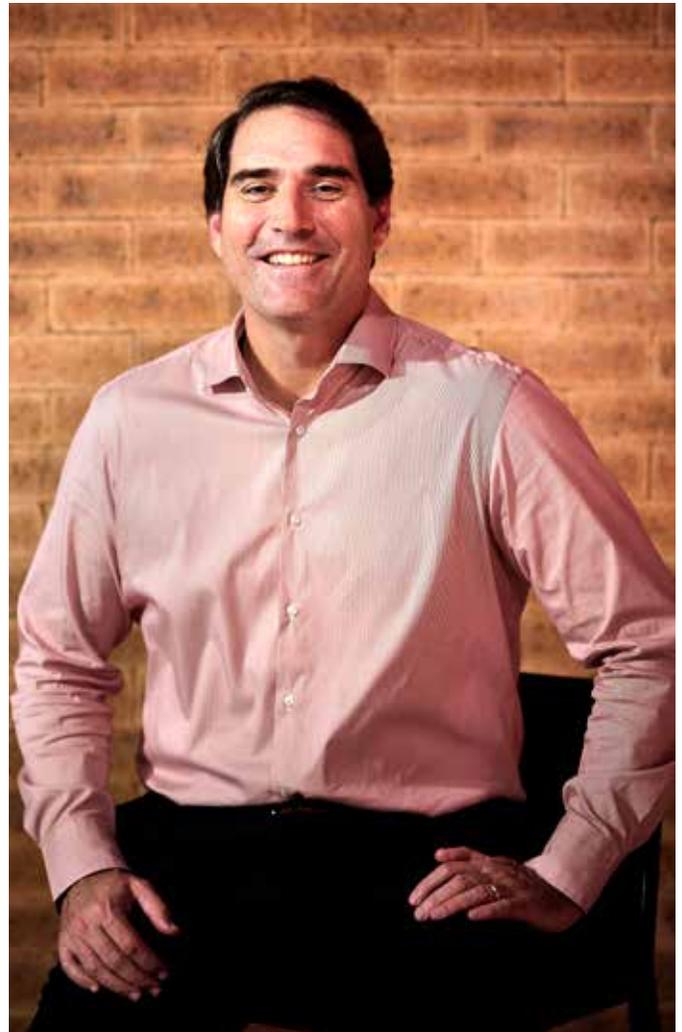
DIRETORA EXECUTIVA DO FUNDO  
BAOBÁ PARA EQUIDADE RACIAL

# Um grande motivo de orgulho

Considero o trabalho que o Instituto Coca-Cola Brasil desenvolve como de extrema relevância, não só para a agenda social do país como para o próprio negócio. Ao longo de duas décadas, usamos as fortalezas do Sistema Coca-Cola, sua capilaridade e a competência de uma equipe comprometida e apaixonada para alcançar escala qualificada em grandes causas sociais. Por meio do Coletivo Jovem, o ICCB muda a vida de milhares de jovens em situação de vulnerabilidade, promovendo a inserção no mercado de trabalho e abrindo para elas novas perspectivas. Pela Aliança Água+ Acesso, o Instituto chega a comunidades rurais Brasil adentro, promovendo uma grande transformação ao ampliar o acesso à água segura, de forma sustentável. Fincado em sólidos pilares, o ICCB cumpre o seu objetivo de fazer a diferença no desenvolvimento do país e chega aos 20 anos como um grande motivo de orgulho para a Companhia.

**HENRIQUE BRAUN**

Presidente da Coca-Cola Brasil



## Comemoração pelos 20 anos

Para marcar a comemoração pelos 20 anos do Instituto Coca-Cola Brasil, produzimos esta revista, que conta a história dessas duas décadas de sucesso a partir de inúmeros relatos de pessoas que ajudaram a construir essa trajetória. Nossa intenção é a de que elas representem os milhares de colaboradores e beneficiários espalhados pelo país, sem os quais seria impossível construir essa história de sucesso. Foi graças às sólidas e potentes parcerias firmadas ao longo desses 20 anos que chegamos até aqui.

Esses ricos relatos foram reproduzidos em nossas redes sociais, para que pudessem ser conhecidos por pessoas de todo o Brasil. Desde setembro de 2019, estão no ar nossos perfis no LinkedIn, Facebook e Instagram. Siga o Instituto Coca-Cola Brasil nas redes, veja mais depoimentos de pessoas que marcaram as duas primeiras décadas do ICCB e vamos, juntos, construir os próximos 20 anos desta história de sucesso.

Ligue a câmera do celular, aponte para o QR code e acesse as redes sociais do ICCB:



---

### **EXPEDIENTE**

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** – Instituto Coca-Cola Brasil

**PROJETO GRÁFICO** – maraca.rio.design

**PESQUISA E CURADORIA** – Instituto Coca-Cola Brasil e Projeto #Colabora

**TEXTOS** – Lauro Neto e Telma Alvarenga

**FOTOGRAFIAS** – Carlos José Pereira Alvez (Caze), Dirce Quintino, Leo Aversa, Leo Cavallini, Stella Ribeiro, Thaís Antunes, Victor Marques, arquivos pessoais e dos acervos das instituições

